



SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**ÁREA DE  
ESTUDOS LITERÁRIOS**

**PROCESSO DE SELEÇÃO 2008/2009 – PROVA ESCRITA**

***CADERNO DE QUESTÕES***

**INSTRUÇÕES**

1. A prova terá duração máxima de 4 horas.
2. No *Caderno de Respostas*, entregue em separado, devem ser evitadas marcas de identificação, exceto na capa, no campo indicado. Portanto, **NÃO PREENCHA OS CAMPOS** constantes nas folhas internas do *Caderno de Respostas*. Marcas de identificação nas folhas internas daquele Caderno poderão resultar em *desclassificação* do candidato.
3. A prova prevê que o candidato responda a um total de duas questões.
4. A prova está dividida em duas partes. A questão da Parte I é obrigatória para todos os candidatos. Não respondê-la implica *desclassificação*.
5. A outra questão deve ser escolhida entre as demais, na Parte II, a critério do candidato.
6. Este *Caderno de Questões* e o *Caderno de Respostas* deverão ser entregues aos Aplicadores.
7. Os resultados desta prova serão divulgados pela internet, na data prevista pelo Edital.

## Parte I

1) Leia as duas citações e responda o enunciado que se segue.

Dom Quixote só está errado enquanto está louco; só ele está errado em meio a um mundo bem ordenado, no qual todos, afora ele, estão no seu lugar; e ele próprio o reconhece no fim, quando volta, moribundo, ao seio da ordem. Mas será que o mundo está realmente bem ordenado? Esta pergunta não é feita. O certo é que, à luz da loucura de Dom Quixote, confrontado com ele, o mundo parece bem ordenado e até parece um jogo divertido. Pode haver nele muita desgraça, injustiça e desordem. Encontramos raparigas, criminosos condenados às galés, moças seduzidas, bandidos enforcados e coisas afins. Mas tudo isso não nos incomoda. A aparição de Dom Quixote, que nada melhora e não ajuda em parte alguma, transforma felicidade e infelicidade num jogo.

(AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 1987. p. 319)

Desde suas primeiras páginas, o primeiro romance de cavalaria da Espanha [*Tirant lo Blanc*] parece querer nos advertir de que todo livro de cavalaria pressupõe um livro de cavalaria precedente, necessário para que o herói se torne cavaleiro. (...) Deste postulado podem ser extraídas muitas conclusões: inclusive a de que talvez a cavalaria não tenha nunca existido antes dos livros de cavalaria ou até que só existiu nos livros. Assim, é possível compreender como o último depositário das virtudes cavaleirescas, Dom Quixote, será alguém que construiu a si mesmo e a seu próprio mundo exclusivamente por meio dos livros. Uma vez que o padre, o barbeiro, a sobrinha e a ama tenham ateado fogo à biblioteca, a cavalaria terminou: Dom Quixote permanecerá como o último exemplar de uma espécie sem sucessores.

(CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.)

**Os fragmentos acima giram em torno da problemática da relação entre realidade e ficção. Caracterize essa problemática e comente seus desdobramentos na produção literária e/ou crítica.**

\* \* \*

## Parte II

Responda uma das questões abaixo, à sua escolha.

2) Leia o seguinte fragmento abaixo.

**CARIÑO MALO, de Inés Margarita Stranger (1990)**

Personagens: Eva, Vitória e Amapola

PRIMEIRA PARTE: A ação transcorre em um lugar aberto e desolado, carente de vegetação e de vida. Há um setor com um osso corroído em uma praia e em outro, uma árvore seca. A música entra e ilumina seus instrumentos ao acender de uma vela. Começa a tocar uma dolorosa melodia em um violoncelo. O cenário se ilumina por um

lado e entram três mulheres vestidas com sobretudos escuros. Vitória arrasta um baú e sobre ele, leva também a Amapola. Eva vem atrás, caminhando sozinha. Os primeiros textos são falados sem relação entre as personagens. A medida em que falam, a luz as descobre.

VITÓRIA (de frente para o público)-- Passei anos buscando algo que fosse próprio, qualquer coisa que fosse minha, que me identificara. Acreditei me encontrar no amor e não encontrei nada. Um a um foram caindo todos os sonhos que levantei. Cada um de meus sorrisos foi congelado pelo desuso

EVA-- Que fiz de mal ? Em que momento deixei de ser a aventura, a paixão e me transformei em algo torpe, cotidiano, invisível? Como foi que se perdeu tudo? Onde ficou o encontro? Para onde foi o desejo? *Amapola tem uma caixa de recordações nas mãos.*

AMAPOLA-- Poderei viver sua ausência? Não sentir seu abraço, seu olhar, seu sorriso? Dar por perdida toda ilusão? Esquecer os amigos, os momentos compartilhados, os pequenos gestos. Sentir o fracasso, a desilusão, a inocência rompida...

*Escuta-se uma melodia infantil. Vitória adere a ela e a interrompe com o seu texto.*

VITÓRIA --Queria encontrar a menina que fui, que me dê a mão, que me arraste com sua alegria.

*Vitória se dirige a Amapola tratando de convencê-la.*

Que me anime, que se ria, que todo seja o mesmo, que me mostre o futuro como uma aventura.

AMAPOLA-- Não posso fracassar... investi demasiada fé neste amor.

*Eva toma a caixa de recordações.*

EVA--Já não sabe quem sou... nunca me olha nos olhos. Não quero que me busque... Não vou voltar mais...

AMAPOLA (a Eva)-- Tenho visto sua alma, não posso abandoná-lo, levo suas lembranças confundidas com as minhas, carrego suas recordações como se fossem minhas.

*Vitória brinca com a areia.*

VITÓRIA-- Quero ter-me, recuperar-me, enfrentar a solidão e o luto. Não quero seguir arrastando uma condenação. Não quero temer o futuro, nem da solidão, nem da velhice...Não quero morrer presa a um amor que não tem silêncio, que não tem paz, que não tem sabedoria... Vou separar as suas coisas das minhas e romper os laços.

EVA (Caminha até a areia)-- Se volto, permanecerei envolvida em suas obsessões, viverei sua vida, sofrerei sua fome, obedecerei seus impulsos... Não poderei conjugar o amor e a liberdade, nem poderei enfrentar seu silêncio com o meu...

*Enquanto Eva diz o seu texto, Amapola e Vitória abrem o baú e se vestem. Vitória com roupa interior de homem e Amapola com um vestido longo, as cabeças cobertas com lenços. Eva abre a caixa e tira de seu interior uma carta e começa a ler em voz alta. O violoncelo introduz e determina as pausas do texto.*

*O olhar de Eva ilumina uma parte do cenário onde aparecem ELE e ELA com seus rostos cobertos. Se movem em relação ao texto, discutem. Os movimentos são abstratos e genéricos. (...)*

(STRANGER, Inés. Cariño malo. In: RAVETTI; ROJO. *Antologia de dramaturgia de mulheres*. Belo Horizonte: Armazém de idéias, 1996.)

**Sobre o texto acima, exponha quais são os elementos ou as unidades estruturantes de sua dramaturgia, no que concerne ao teatro contemporâneo.**

3) Compare os dois poemas abaixo e indique, justificando, o modo como cada um deles lida com o gênero a que pertence, bem como o tratamento que reserva ao tema da guerra.

#### A rosa de Hiroshima

- |                            |                        |
|----------------------------|------------------------|
| 1 Pensem nas crianças      | 2 Da rosa da rosa      |
| 2 Mudas telepáticas        | 3 Da rosa de Hiroshima |
| 3 Pensem nas meninas       | 4 A rosa hereditária   |
| 4 Cegas inexatas           | 5 A rosa radioativa    |
| 5 Pensem nas mulheres      | 6 Estúpida e inválida  |
| 6 Rotas alteradas          | 7 A rosa com cirrose   |
| 7 Pensem nas feridas       | 8 A anti-rosa atômica  |
| 8 Como rosas cálidas       | 9 Sem cor sem perfume  |
| 9 Mas, oh, não se esqueçam | 10 Sem rosa sem nada.  |

(MORAES, Vinícius de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. p. 265)

#### Saldos no Vietname

- 1 Bombas de esferas:
  - 2 cachos de bombas nascem de uma só bomba-mãe.
  - 3 Cada bomba-filha ejeta, à altura de um homem,
  - 4 300 esferas que vão penetrar na carne aos ziguezagues.
  
- 5 Parente deste sanguinário jogo do berlinde
  - 6 é o jogo das setas: um polegar de tamanho,
  - 7 aletas que lhes permitem
  - 8 entrar em parafuso carne dentro,
  - 9 pontas de arpão,
  - 10 o que torna a sua extração muito difícil.
  
- 11 (Agora, as setas, quando já no corpo
  - 12 – é um melhoramento! – fragmentam-se.)
  
- 13 Também há projéteis de plástico
  - 14 não detectáveis pelos raios X;
  - 15 e a bomba dita de nuvem explosiva.
  
- 16 Quando entra em cena seu papel é este:
  - 17 introduzir, primeiro, por escâncaras ou frinchas,
  - 18 no teatro onde está a atuar,
  - 19 uma expansiva nuvem de etileno.
  
- 20 Só depois explode: então, o fogo
  - 21 pega-se ao etileno e... cai o pano!
  
- 22 E mais uma invenção: as minas aranhaços,
  - 23 que desenrolam patas de 6 metros
  - 24 quando tocam o chão.

- 24 Ai de quem tropeçar numa das patas:
- 24 nem a mosca da alma terá tempo
- 24 de se evolvar!
  
- 24 A TV veio também colaborar
- 24 com “diretos” bem sofisticados:
- 24 realizador-bombista, o pessoal-piloto
- 24 a um só tempo fabrica e realiza a própria ação
- 24 e faz-vê, em grande plano, o seu desfecho.
  
- 24 Outros sinetes deixou o americano
- 24 no texto Vietname.
- 24 Um dos mais velhos: a incandescente lepra
- 24 À procura de pessoas que se chama napalm;
- 24 Um dos mais novos: a bomba
- 24 devoradora de todo o oxigénio
- 24 250 metros em derredor
- 24 Do ponto onde cair.
  
- 24 E onde o americano espera nunca estar.

(O'NEILL, Alexandre. *Poesias completas*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000. p. 364-365.)

**4) “A cartomante” é um dos contos mais conhecidos de Machado de Assis. Trata-se de uma narrativa de suspense com final surpreendente. Após ler o conto, transcrito abaixo, descreva a constituição de seu narrador em terceira pessoa e explique como essa constituição tanto permite a construção do suspense como propicia o final surpreendente.**

#### *A Cartomante*

Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

— Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: "A senhora gosta de uma pessoa..." Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

— Errou! interrompeu Camilo, rindo.

— Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...

Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois, repreendeu-a; disse-lhe que era imprudente andar por essas casas. Vilela podia sabê-lo, e depois...

— Qual saber! tive muita cautela, ao entrar na casa.

— Onde é a casa?

— Aqui perto, na Rua da Guarda Velha; não passava ninguém nessa ocasião. Descansa; eu não sou maluca.

Camilo riu outra vez:

— Tu crês deveras nessas cousas? perguntou-lhe.

Foi então que ela, sem saber que traduzia Hamlet em vulgar, disse-lhe que havia muita cousa misteriosa e verdadeira neste mundo. Se ele não acreditava, paciência; mas o certo é que a cartomante adivinhara tudo. Que mais? A prova é que ela agora estava tranqüila e satisfeita.

Cuido que ele ia falar, mas reprimiu-se. Não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe inculcou e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento: limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando.

Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbons, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras, na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.

Vilela, Camilo e Rita, três nomes, uma aventura e nenhuma explicação das origens. Vamos a ela. Os dois primeiros eram amigos de infância. Vilela seguiu a carreira de magistrado. Camilo entrou no funcionalismo, contra a vontade do pai, que queria vê-lo médico; mas o pai morreu, e Camilo preferiu não ser nada, até que a mãe lhe arranhou um emprego público. No princípio de 1869, voltou Vilela da província, onde casara com uma dama formosa e tonta; abandonou a magistratura e veio abrir banca de advogado. Camilo arranhou-lhe a casa para os lados de Botafogo, e foi a bordo recebê-lo.

— É o senhor? exclamou Rita, estendendo-lhe a mão. Não imagina como meu marido é seu amigo, falava sempre do senhor.

Camilo e Vilela olharam-se com ternura. Eram amigos de verdade. Depois, Camilo confessou de si para si que a mulher do Vilela não desmentia as cartas do marido. Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa. Era um pouco mais velha que ambos: contava trinta anos, Vilela vinte e nove e Camilo vinte e seis. Entretanto, o porte grave de Vilela fazia-o parecer mais velho que a mulher, enquanto Camilo era um ingênuo na vida moral e prática. Faltava-lhe tanto a ação do tempo, como os óculos de cristal, que a natureza põe no berço de alguns para adiantar os anos. Nem experiência, nem intuição.

Uniram-se os três. Convivência trouxe intimidade. Pouco depois morreu a mãe de Camilo, e nesse desastre, que o foi, os dois mostraram-se grandes amigos dele. Vilela cuidou do enterro, dos sufrágios e do inventário; Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor.

Como daí chegaram ao amor, não o soube ele nunca. A verdade é que gostava de passar as horas ao lado dela, era a sua enfermeira moral, quase uma irmã, mas principalmente era mulher e bonita. *Odor di femmina*: eis o que ele aspirava nela, e em volta dela, para incorporá-lo em si próprio. Liam os mesmos livros, iam juntos a teatros e passeios. Camilo ensinou-lhe as damas e o xadrez e jogavam às noites; — ela mal, — ele, para lhe ser agradável, pouco menos mal. Até aí as cousas. Agora a ação da pessoa, os olhos teimosos de Rita, que procuravam muita vez os dele, que os consultavam antes de o fazer ao marido, as mãos frias, as atitudes insólitas. Um dia, fazendo ele anos, recebeu de Vilela uma rica bengala de presente e de Rita apenas um cartão com um vulgar cumprimento a lápis, e foi então que ele pôde ler no próprio coração, não conseguia arrancar os olhos do bilhete. Palavras vulgares; mas há vulgaridades sublimes, ou, pelo menos, deleitosas. A velha caleça de praça, em que pela primeira vez passeaste com a mulher amada, fechadinhos ambos, vale o carro de Apolo. Assim é o homem, assim são as cousas que o cercam.

Camilo quis sinceramente fugir, mas já não pôde. Rita, como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou atordoado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura, mas a batalha foi curta e a vitória delirante. Adeus, escrúpulos! Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé, e aí foram ambos, estrada fora, braços dados, pisando folgadoamente por cima de ervas e pedregulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quando estavam ausentes um do outro. A confiança e estima de Vilela continuavam a ser as mesmas.

Um dia, porém, recebeu Camilo uma carta anônima, que lhe chamava imoral e pérfido, e dizia que a aventura era sabida de todos. Camilo teve medo, e, para desviar as suspeitas, começou a rerear as visitas à casa de Vilela. Este notou-lhe as ausências. Camilo respondeu que o motivo era uma paixão frívola de rapaz. Candura gerou astúcia. As ausências prolongaram-se, e as visitas cessaram inteiramente. Pode ser que entrasse também nisso um pouco de amor-próprio, uma intenção de diminuir os obséquios do marido, para tornar menos dura a aleivosia do ato.

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu à cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que a cartomante restituiu-lhe a confiança, e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez. Correram ainda algumas semanas. Camilo recebeu mais duas ou três cartas anônimas, tão apaixonadas, que não podiam ser advertência da virtude, mas despeito de algum pretendente; tal foi a opinião de Rita, que, por outras palavras mal compostas, formulou este pensamento: — a virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e pródigo.

Nem por isso Camilo ficou mais sossegado; temia que o anônimo fosse ter com Vilela, e a catástrofe viria então sem remédio. Rita concordou que era possível.

— Bem, disse ela; eu levo os sobrescritos para comparar a letra com as das cartas que lá aparecerem; se alguma for igual, guardo-a e rasgo-a...

Nenhuma apareceu; mas daí a algum tempo Vilela começou a mostrar-se sombrio, falando pouco, como desconfiado. Rita deu-se pressa em dizê-lo ao outro, e sobre isso deliberaram. A opinião dela é que Camilo devia tornar à casa deles, tatear o marido, e pode ser até que lhe ouvisse a confidência de algum negócio particular. Camilo divergia; aparecer depois de tantos meses era confirmar a suspeita ou denúncia. Mais valia acautelarem-se, sacrificando-se por algumas semanas. Combinaram os meios de se corresponderem, em caso de necessidade, e separaram-se com lágrimas.

No dia seguinte, estando na repartição, recebeu Camilo este bilhete de Vilela: "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Era mais de meio-dia. Camilo saiu logo; na rua, advertiu que teria sido mais natural chamá-lo ao escritório; por que em casa? Tudo indicava matéria especial, e a letra, fosse realidade ou ilusão, afigurou-se-lhe trêmula. Ele combinou todas essas cousas com a notícia da véspera.

— Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora, — repetia ele com os olhos no papel.

Imaginarmente, viu a ponta da orelha de um drama, Rita subjugada e lacrimosa, Vilela indignado, pegando da pena e escrevendo o bilhete, certo de que ele acudiria, e esperando-o para matá-lo. Camilo estremeceu, tinha medo: depois sorriu amarelo, e em todo caso repugnava-lhe a idéia de recuar, e foi andando. De caminho, lembrou-se de ir a casa; podia achar algum recado de Rita, que lhe explicasse tudo. Não achou nada, nem ninguém. Voltou à rua, e a idéia de estarem descobertos parecia-lhe cada vez mais verossímil; era natural uma denúncia anônima, até da própria pessoa que o ameaçara antes; podia ser que Vilela conhecesse agora tudo. A mesma suspensão das suas visitas, sem motivo aparente, apenas com um pretexto fútil, viria confirmar o resto.

Camilo ia andando inquieto e nervoso. Não relia o bilhete, mas as palavras estavam decoradas, diante dos olhos, fixas, ou então, — o que era ainda pior, — eram-lhe murmuradas ao ouvido, com a própria voz de Vilela. "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Ditas assim, pela voz do outro, tinham um tom de mistério e ameaça. Vem, já, já, para quê? Era perto de uma hora da tarde. A comoção crescia de minuto a minuto. Tanto imaginou o que se iria passar, que chegou a crê-lo e vê-lo. Positivamente, tinha medo. Entrou a cogitar em ir armado, considerando que, se nada houvesse, nada perdia, e a precaução era útil. Logo depois rejeitava a idéia, vexado de si mesmo, e seguia, picando o passo, na direção do Largo da Carioca, para entrar num tilburi. Chegou, entrou e mandou seguir a trote largo.

"Quanto antes, melhor, pensou ele; não posso estar assim..."

Mas o mesmo trote do cavalo veio agravar-lhe a comoção. O tempo voava, e ele não tardaria a entestar com o perigo. Quase no fim da Rua da Guarda Velha, o tilburi teve de parar, a rua estava atravancada com uma carroça, que caíra. Camilo, em si mesmo, estimou o obstáculo, e esperou. No fim de cinco minutos, reparou que ao lado, à esquerda, ao pé do tilburi, ficava a casa da cartomante, a quem Rita consultara uma vez, e nunca ele desejou tanto crer na lição das cartas. Olhou, viu as janelas fechadas, quando todas as outras estavam abertas e pejadas de curiosos do incidente da rua. Dir-se-ia a morada do indiferente Destino.

Camilo reclinou-se no tilburi, para não ver nada. A agitação dele era grande, extraordinária, e do fundo das camadas morais emergiam alguns fantasmas de outro tempo, as velhas crenças, as superstições antigas. O cocheiro propôs-lhe voltar à primeira travessa, e ir por outro caminho: ele respondeu que não, que esperasse. E inclinava-se para fitar a casa... Depois fez um gesto incrédulo: era a idéia de ouvir a cartomante, que lhe passava ao longe, muito longe, com vastas asas cinzentas; desapareceu, reapareceu, e tornou a esvaír-se no cérebro; mas daí a pouco moveu outra vez as asas, mais perto, fazendo uns giros concêntricos... Na rua, gritavam os homens, safando a carroça:

— Anda! agora! empurra! vá! vá!

Daí a pouco estaria removido o obstáculo. Camilo fechava os olhos, pensava em outras cousas: mas a voz do marido sussurrava-lhe a orelhas as palavras da carta: "Vem, já, já..." E ele via as contorções do drama e tremia. A casa olhava para ele. As pernas queriam descer e entrar. Camilo achou-se diante de um longo véu opaco... pensou rapidamente no inexplicável de tantas cousas. A voz da mãe repetia-lhe uma porção de casos extraordinários: e a mesma frase do príncipe de Dinamarca reboava-lhe dentro: "Há mais cousas no céu e na terra do que sonha a filosofia..." Que perdia ele, se... ?

Deu por si na calçada, ao pé da porta: disse ao cocheiro que esperasse, e rápido enfiou pelo corredor, e subiu a escada. A luz era pouca, os degraus comidos dos pés, o corrimão pegajoso; mas ele não, viu nem sentiu nada. Trepou e bateu. Não aparecendo ninguém, teve idéia de descer; mas era tarde, a curiosidade fustigava-lhe o sangue, as fontes latejavam-lhe; ele tornou a bater uma, duas, três pancadas. Veio uma mulher; era a cartomante. Camilo disse que ia consultá-la, ela fê-lo entrar. Dalí subiram ao sótão, por uma escada ainda pior que a primeira e mais escura. Em cima, havia uma salinha, mal alumada por uma janela, que dava para o telhado dos fundos. Velhos trastes, paredes sombrias, um ar de pobreza, que antes aumentava do que destruíra o prestígio.

A cartomante fê-lo sentar diante da mesa, e sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela, de maneira que a pouca luz de fora batia em cheio no rosto de Camilo. Abriu uma gaveta e tirou um baralho de cartas compridas e enxovalhadas. Enquanto as baralhava, rapidamente, olhava para ele, não de rosto, mas por baixo dos olhos. Era uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos. Voltou três cartas sobre a mesa, e disse-lhe:

— Vejamos primeiro o que é que o traz aqui. O senhor tem um grande susto...

Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.

— E quer saber, continuou ela, se lhe acontecerá alguma cousa ou não...

— A mim e a ela, explicou vivamente ele.

A cartomante não sorriu: disse-lhe só que esperasse. Rápido pegou outra vez das cartas e baralhou-as, com os longos dedos finos, de unhas descuidadas; baralhou-as bem, transpôs os maços, uma, duas, três vezes; depois começou a estendê-las. Camilo tinha os olhos nela, curioso e ansioso.

— As cartas dizem-me...

Camilo inclinou-se para beber uma a uma as palavras. Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensável muita cautela: ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita. . . Camilo estava deslumbrado. A cartomante acabou, recolheu as cartas e fechou-as na gaveta.

— A senhora restituiu-me a paz ao espírito, disse ele estendendo a mão por cima da mesa e apertando a da cartomante.

Esta levantou-se, rindo.

— Vá, disse ela; vá, *ragazzo innamorato*...

E de pé, com o dedo indicador, tocou-lhe na testa. Camilo estremeceu, como se fosse a mão da própria sibila, e levantou-se também. A cartomante foi à cômoda, sobre a qual estava um prato com passas, tirou um cacho destas, começou a despencá-las e comê-las, mostrando duas fileiras de dentes que desmentiam as unhas. Nessa mesma ação comum, a mulher tinha um ar particular. Camilo, ansioso por sair, não sabia como pagasse; ignorava o preço.

— Passas custam dinheiro, disse ele afinal, tirando a carteira. Quantas quer mandar buscar?

— Pergunte ao seu coração, respondeu ela.

Camilo tirou uma nota de dez mil-réis, e deu-lha. Os olhos da cartomante fuzilaram. O preço usual era dois mil-réis.

— Vejo bem que o senhor gosta muito dela... E faz bem; ela gosta muito do senhor. Vá, vá, tranqüilo. Olhe a escada, é escura; ponha o chapéu...

A cartomante tinha já guardado a nota na algibeira, e descia com ele, falando, com um leve sotaque. Camilo despediu-se dela embaixo, e desceu a escada que levava à rua, enquanto a cartomante, alegre com a paga, tornava acima, cantarolando uma barcarola. Camilo achou o tífuri esperando; a rua estava livre. Entrou e seguiu a trote largo.

Tudo lhe parecia agora melhor, as outras cousas traziam outro aspecto, o céu estava límpido e as caras joviais. Chegou a rir dos seus receios, que chamou pueris; recordou os termos da carta de Vilela e reconheceu que eram íntimos e familiares. Onde é que ele lhe descobrira a ameaça? Advertiu também que eram urgentes, e que fizera mal em demorar-se tanto; podia ser algum negócio grave e gravíssimo.

— Vamos, vamos depressa, repetia ele ao cocheiro.

E consigo, para explicar a demora ao amigo, engenhou qualquer cousa; parece que formou também o plano de aproveitar o incidente para tornar à antiga assiduidade... De volta com os planos, reboavam-lhe na alma as palavras da cartomante. Em verdade, ela adivinhara o objeto da consulta, o estado dele, a existência de um terceiro; por que não adivinharia o resto? O presente que se ignora vale o futuro. Era assim, lentas e contínuas, que as velhas crenças do rapaz iam tornando ao de cima, e o mistério empolgava-o com as unhas de ferro. Às vezes queria rir, e ria de si mesmo, algo vexado; mas a mulher, as cartas, as palavras secas e afirmativas, a exortação: — Vá, vá, *ragazzo innamorato*; e no fim, ao longe, a barcarola da despedida, lenta e graciosa, tais eram os elementos recentes, que formavam, com os antigos, uma fé nova e vivaz.

A verdade é que o coração ia alegre e impaciente, pensando nas horas felizes de outrora e nas que haviam de vir. Ao passar pela Glória, Camilo olhou para o mar, estendeu os olhos para fora, até onde a água e o céu dão um abraço infinito, e teve assim uma sensação do futuro, longo, longo, interminável.

Daí a pouco chegou à casa de Vilela. Apeou-se, empurrou a porta de ferro do jardim e entrou. A casa estava silenciosa. Subiu os seis degraus de pedra, e mal teve tempo de bater, a porta abriu-se, e apareceu-lhe Vilela.

— Desculpa, não pude vir mais cedo; que há?

Vilela não lhe respondeu; tinha as feições decompostas; fez-lhe sinal, e foram para uma saleta interior. Entrando, Camilo não pôde sufocar um grito de terror: — ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensanguentada. Vilela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão.